

Editorial

PESQUISA CRÍTICA EM CONTABILIDADE: UM CAMPO DE POSSIBILIDADES

Fernanda Filgueiras Sauerbronn

Professora Associada do Departamento de Contabilidade e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis (PPGCC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora e Mestre pela EBABE/FGV. Graduada em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: fernanda.sauerbronn@facc.ufrj.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8761482881522916>. ORCID: 0000-0002-7932-2314

Paulo Homero Junior

Doutor em Controladoria e Contabilidade – USP/SP e Doutorando em Administração pela York University, mestre em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo e graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: pfhj86@schulich.yorku.ca Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9907565104390725>. ORCID: 0000-0002-5219-5175

Marcelo Castañeda de Araujo

Professor do Departamento de Administração e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis (PPGCC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: marcelo.castaneda@facc.ufrj.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9559072716365586>. ORCID: 0000-0003-1869-7822

Thauan Felipe Medeiros de Carvalho

Doutorando em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), membro do Observatório de Gestão e Accountability (OGA) e co-fundador do Coletivo da Diversidade e Inclusão na Contabilidade (COLID). E-mail: thauanfelipe@icloud.com ORCID: 0000-0003-1514-0535 Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4256181764067043>

João Paulo Resende de Lima

Professor na Adam Smith Business School, University of Glasgow. Doutor em Controladoria e Contabilidade (FEA/USP). Mestre em Controladoria e Contabilidade (FEA-RP/USP). Bacharel em Ciências Contábeis (FEA-RP/USP). e-mail: joaopaulo.lima@glasgow.ac.uk Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4707479528720976>. ORCID: 0000-0002-4703-2603

1. RECONHECENDO O CAMPO

Um importante desafio para pesquisadores em contabilidade no Brasil tem sido, nos últimos anos, reconhecer e delimitar a necessária pluralidade paradigmática do campo (Lourenço & Sauerbronn, 2016). Esses desafios advêm não apenas da predominância de perspectivas teóricas *mainstream* (Martins & Zanchet, 2009), da baixa reflexividade do campo (Homero Jr, 2017^a e 2017b) e da limitada diversidade curricular em termos de conteúdos epistêmicos e práticas pedagógicas (Silva & Nova, 2018).

Em busca da reversão desse processo, pesquisadores e pesquisadoras, grupos de pesquisa, programas de pós-graduação e instituições têm buscado transformar esse quadro (Azevedo et al., 2020). Essas iniciativas, como veremos adiante neste texto, envolveram a criação de disciplinas, seminários, conferências e redes, visando a dinamização de abordagens até então desconsideradas como parte de nosso campo. De forma a contribuir para esse movimento, procuraremos apontar neste breve editorial alguns entendimentos e desenvolver debates que contribuam para nossas práticas enquanto conhecimento científico em que a contabilidade crítica é parte integral e indispensável.

Nesse sentido, na próxima seção debateremos a dificuldade de apontar uma singular definição para pesquisa crítica em contabilidade, mas defendendo a necessidade de estressá-la enquanto significante flutuante, explorando os riscos e vantagens dessa particularidade. Na terceira seção, faremos uma breve revisão histórica da constituição do campo, em termos internacionais e nacionais. Na sequência, trataremos de uma particular iniciativa de ensino recente de “pesquisa crítica em contabilidade” no Brasil de forma a reconhecer seus benefícios e desafios em curto e médio prazo. Por fim, esperamos ao final do artigo apontar caminhos futuros e possibilidade de desenvolvimento de pluralidade de temas, teorias, métodos em contabilidade que nos convidem a pensar na transformação do campo e da(s) diversa(s) questões que atravessam a sociedade brasileira e demandam engajamento da contabilidade.

2. ENCARANDO O SIGNIFICANTE FLUTUANTE

Tentar definir o significado de pesquisa crítica em contabilidade pode ser uma guerra perdida. Isso pode assustar alguns leitores, mas a pluralidade sobre a qual o campo se constituiu torna tal definição quase impossível. Entretanto, o que podemos nos esforçar a fazer é apontar alguns pressupostos fundamentais que fundamentam tal diversidade de definições e possibilidades de desenvolvimentos de estudos.

Lohd & Gaffikin (1997) esforçaram-se para mapear como esse paradigma de estudos se define/definiu desde o seu início e apontaram diferentes formas com a qual os pesquisadores o nomearam: “*critical accounting movement*”, “*critical accounting literature*”, “*critical studies*” ou “*critical studies in accounting research*”. A dificuldade do campo em se nomear, reconhecer e atribuir sentido e significado (fechamento/*clousure*), demarca a sua constituição. Isso pode parecer ruim em um primeiro momento, entretanto, revela as diversas possibilidades (aberturas/*openings*) de ação.

As aberturas e possibilidades mostram-se mais claras ao adentrarmos os sentidos daquilo que Gendron (2018) aponta como objetivos dos estudos críticos e que procuraremos consolidar aqui. Primeiro, a pesquisa crítica em contabilidade concentra-se principalmente no desenvolvimento de uma melhor compreensão dos processos de marginalização para se envolver na intervenção e na práxis sociais. Segundo, refletem uma mistura de abordagens construcionistas sociais e performativas, com elevada abertura metodológica. Terceiro, envolve encorajar formas de pensar e intervir que tomem posições, de certa forma, contra a hegemonia das instituições estabelecidas. Quarto, existem vertentes e trajetórias intelectuais fragmentadas (em conflito, ou não) e um compromisso com a diversidade/multivocalidade epistemológica.

Ao reconhecer esses sentidos, aparece como necessidade nos entendermos enquanto pesquisadores frente a essa forma de encarar a natureza do conhecimento buscado e as formas de fazê-lo. Primeiro, para pesquisadores críticos existe uma inquietude em afastar-se dos interesses do *establishment* contábil e engajar-se na crítica social, entendendo que ser crítico significa um sentido diferente e mais rico do que criticar a literatura acadêmica a partir da “identificação de lacunas” - *gap spotting* (Gendron, 2018). Para Adler, Forbes e Willmott (2007), os estudos críticos envolvem questionar aquilo que é dado como certo ou naturalizado. Isso implica em ir além do instrumentalismo, ou seja, das ações avaliadas sob normas de racionalidade instrumental que busca a relação entre meios-fins como o propósito da pesquisa.

Emerge, assim, no debate sobre rigor e relevância (Faria, 2007), a ideia de que não pode existir a fusão ou confluência entre pesquisas sobre gestão com pesquisas para gestores. Desnaturalizar essa confluência implica em retirar os modelos e mecanismos contábeis do centro de interesse da pesquisa, substituindo-os pela relação entre contabilidade e sociedade. Isso significa superar o entendimento da contabilidade enquanto um serviço de informação passivo, dedicado a relatar fielmente a realidade econômica, em favor de abordagens que investiguem o papel desempenhado pela contabilidade como força simbólica, cultural e hegemônica nas lutas pela distribuição de riqueza (Lehman e Tinker, 1985).

Por certo, essas formas mostram-se distintas ou em contraste com aquelas tradicionais de pesquisa em contabilidade. Por um lado, conforme aponta Gendron (2018), a pesquisa crítica em contabilidade em muito assume a forma de um projeto pessoal-intelectual sempre sujeito a mudanças à medida que é continuamente articulado pela pessoa pesquisadora enquanto ser reflexivo ao longo de suas novas experiências no processo de pesquisa.

A contabilidade está profundamente envolvida em processos que visam definir, circunscrever e regular a subjetividade das pessoas (Gendron, 2018: 5). Assim, o projeto crítico em contabilidade visa emancipar o indivíduo (a começar pelo pesquisador em si) para constantemente buscar a emancipação frente à ascendência de discursos e práticas excessivamente influentes [*taken for granted*] que tendam a restringir a capacidade das pessoas de refletir.

Nesse sentido, torna-se fundamental desenvolver uma caracterização do “oponente” ou “adversário” que a investigação crítica se esforça por confrontar e frustrar em cada estudo. Esses oponentes podem ser definidos como instituições, discursos, lógicas ou ideologias, até mesmo práticas opressoras e excludentes, em que o objetivo global é marginalizar os outros. Inclui-se nessa oposição todas aquelas que atuam na fabricação de mentalidade, por exemplo, tornando as pessoas dóceis e subservientes aos interesses do *establishment*, muitas vezes por meio de falsa consciência ou processos de violência simbólica.

Independente de seu significado flutuante, o produto final da investigação crítica assumirá diferentes formatos de comunicação científica, a depender da teoria e do método adotados. Assim, certamente passará pela intenção de informar as pessoas sobre como a subjetividade e o conhecimento a respeito de um fenômeno em particular está sujeita ao poder, proporcionando-lhes potencialmente uma plataforma para reduzir a influência das forças subjugadoras sobre a mente e a ação no contexto em que se inserem.

Já que o potencial impacto das pesquisas críticas envolve relevantes dimensões sociais, culturais e políticas junto a diferentes públicos, conseqüentemente, entende-se que a ampliação desse impacto se encontra não apenas em publicações em congressos e revistas científicas, mas também na aproximação desses públicos e segmentos da sociedade por diferentes meios de comunicação e forma de ação. Trata-se, sem dúvida, de aproximar-se dos ideais de um intelectual público em busca de transformação social (Burawoy, 2005).

3. COMPREENDENDO A TRAJETÓRIA DO CAMPO

A pesquisa contábil internacional – especialmente a produzida nos países anglófonos do norte global – é significativamente polarizada, tendo um polo dominante que endossa e promove abordagens positivistas e é reconhecido como relativamente impermeável a formas alternativas de pesquisa, em oposição a um conjunto de pesquisadores que aderem a estilos interpretativos ou críticos de pesquisa e empreendem ações para modificar o campo acadêmico (Malsch et al., 2011).

Segundo Roslender e Dillard (2003), as perspectivas interdisciplinares sobre contabilidade emergiram no Reino Unido em meados da década de 1970, como reação às orientações positivistas e funcionalistas nas quais se embasavam tanto a contabilidade comportamental quanto o então emergente paradigma *mainstream* da contabilidade financeira, ambas tradições originárias dos Estados Unidos. Mas, mesmo a pesquisa contábil interdisciplinar se caracteriza por tensões internas entre a tradição crítica/marxista que deu origem ao movimento e a tradição pós-moderna/foucaultiana, que se tornou a mais influente a partir do final dos anos 1980. Exemplos da polêmica entre essas duas tradições podem ser encontrados em Neimark (1990; 1994), Hoskin (1994), e Armstrong (1994).

Para Gendron e Baker (2005), a fundação do periódico *Accounting, Organizations and Society* (AOS), em 1976, foi um evento chave para a consolidação da pesquisa contábil interdisciplinar como um todo e para a posterior consolidação de

uma rede foucaultiana na pesquisa contábil. Com o passar do tempo, a expansão da pesquisa contábil interdisciplinar e as crescentes tensões dentro dessa tradição levaram a uma maior fragmentação do campo, com a criação de pelo menos dois outros periódicos dedicados à pesquisa contábil não convencional – *Accounting, Auditing and Accountability Journal* (AAAJ), em 1988, e *Critical Perspectives on Accounting* (CPA), em 1990.

Ao investigarem a constituição da CPA em seus primeiros 25 anos de atividade, Morales e Sponem (2017) identificam que a produção acadêmica veiculada no periódico possui três principais objetos de crítica: a pesquisa contábil *mainstream*, caracterizada por reproduzir uma linha de pensamento predominante oriunda da economia e das finanças; a profissão contábil, controlada por uma elite de poder que serve a seus próprios interesses; e o papel social da contabilidade, usualmente associado à manutenção do *status quo*.

Muito embora temáticas frequentes na pesquisa crítica em contabilidade internacional, como balanço social e contabilidade ambiental, venham sendo abordadas na pesquisa contábil brasileira desde o final dos anos 1990, pelo menos, e em que pese a dificuldade que temos apontado em se definir o que é pesquisa crítica, parece-nos que a comunidade brasileira de pesquisadores e pesquisadoras dessas temáticas não demonstra interesse em reivindicar para si esse significativo. Pelo contrário, entendemos que essa comunidade lida com as tensões entre avançar-desafiar ou adequar-se aos padrões positivistas e funcionalistas que predominam na pesquisa contábil *mainstream*. Entendemos que essa tendência tem se acentuado nos últimos anos, alinhados a desenvolvimentos de temáticas que interessam ao mercado e práticas profissionais recentes (por exemplo, relato integrado, ESG, dentre outras).

Ao pensarmos na crítica mais engajada com questões sociais e públicas, e menos pautada pela profissão, pelo mercado ou por teorias problemáticas (Goshal, 2005), entendemos que a emergência de uma comunidade crítica em contabilidade é um fenômeno recente, e que sua consolidação é um processo ainda em andamento e não livre de tensões e desafios. Alguns eventos ocorridos durante a década de 2010 no Brasil foram fomentadores da constituição da comunidade de pesquisa crítica em contabilidade, dentre os quais podemos citar:

- oferta da disciplina *Interpretive and Critical Theories in Accounting* no PGGCC/FEA/USP (entre 2011, 2014 e 2016) pelo professor visitante David Carter, da Universidade de Camberra;
- participação de expoentes da comunidade crítica internacional no Congresso UnB de Contabilidade e Governança, que desde sua primeira edição, em 2015, já contou com palestras de Mahmoud Ezzamel, Yves Gendron, Cheryl Lehman, Wai Fong Chua, David Cooper, Trevor Hopper, Jesse Dillard, Jane Andrew e Christine Cooper;
- organização do evento *Qualitative Research and Critical Accounting* (QRCA), congregando pesquisadores da América do Sul e cuja primeira edição foi realizada presencialmente na Universidade de São Paulo, em 2018; e em 2020 e 2021 organizados virtualmente pela UFRJ;
- criação do tema de interesse *Estudos Críticos e Interpretativos em Contabilidade* na área de Contabilidade do EnANPAD, a partir de 2019.

Além desses eventos, destacamos também uma crescente inserção de pesquisadoras brasileiras junto à comunidade internacional de pesquisa crítica, através de posições de professoras visitantes, estágios doutorais (bolsa-sanduíche), participações em eventos e publicações em periódicos (cf. Lima, Casa Nova, & Vendramin, 2023; Lima, Casa Nova, Sauerbronn, et al., 2023; Sauerbronn et al., 2021); bem como a abertura em congressos internacionais para a pesquisa contábil crítica, como o *International Critical Management Studies* (edições 2017, 2019, 2021 e 2023).

4. UM PERCURSO RECENTE DE ENSINO DA CONTABILIDADE CRÍTICA

Em 2021, um grupo de docentes com afinidades críticas diferenciadas se reuniu para propor um curso que foi denominado “Pesquisa Crítica em Contabilidade”, aprovada como eletiva no âmbito de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis (PPGCC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Os docentes em questão são autores desse editorial, sendo que João Paulo Resende Lima, que atua na University of Glasgow, fez parte das edições de 2021 e 2022 do referido curso, que ocorreu também em 2023, com perspectivas de continuidade.

A ideia inicial, que se manteve em todas as edições, era criar um espaço de interlocução entre a contabilidade e as humanidades, perfazendo uma prática interdisciplinar que buscasse a crítica do mundo em que vivemos em suas múltiplas dimensões, tendo a contabilidade como eixo problematizador.

As três edições realizadas até aqui reuniram em torno de 60 discentes de várias universidades brasileiras e latino-americanas, sendo adotado o formato remoto na primeira edição e havendo uma tentativa de formato híbrido, que se transformou em remoto nas duas outras edições. Todos os encontros foram gravados. A partir da primeira aula, cada docente atuava como mediador do autor-convidado, de forma a aproximar a abordagem teórica da semana junto a contabilidade e aos estudantes participantes. Nas duas primeiras edições, a avaliação envolvia interações no ambiente virtual do curso e uma apresentação de proposta de pesquisa que contemplasse alguma temática abordada no curso. Na terceira edição, optamos por mudar a proposta de pesquisa, propondo a apresentação de um trabalho final escrito.

Assim, cabe mostrar como o curso se desenvolveu a cada encontro, sendo que vamos considerar aqui a estrutura da última edição, na medida em que foram poucos ajustes efetuados entre 2021 e 2023. Na apresentação, além de todos se apresentarem, costuma-se abordar o que se entende por crítica a partir da abordagem de alguns autores (Gendron,

2018; Parker; Thomas, 2011; Lourenço & Sauerbronn, 2016). Na sequência, o professor Lucas Casagrande, da UFRGS, foi convidado para debater autores que perfazem os Estudos Organizacionais Críticos, tais como Tragtenberg (1971), Paula (2002) e Guerreiro Ramos (1981). No terceiro encontro, o professor Alexandre Faria, da Ebape/FGV, foi convidado para uma aula sobre estudos pós-coloniais e decoloniais a partir da discussão de Sauerbronn *et al.* (2021), Jammulamadaka *et al.* (2021) e Faria (2013).

Entre o quarto e o sexto encontros, procuramos discutir as contribuições de Bruno Latour, Michel Foucault e Pierre Bourdieu, tendo um encontro para cada perspectiva. A professora Simone Alves da Costa, da Unifesp, foi convidada para debater a contribuição de Latour na pesquisa crítica em contabilidade a partir de Costa (2015), Latour (2012) e Robson e Bottausci (2008). Para a aula sobre Foucault, nossa convidada foi a professora Adriana Dias, do Instituto Politécnico de Santarém, que fez a discussão a partir de Rose e Valverde (2006), Silva, Rodrigues e Sangster (2019), Bujaki, Gaudet e Iuliano (2017) e Silva, Vasconcelos e Lira (2021). Com Pierre Bourdieu, o professor Paulo Homero Júnior, da York University, apresentou as possibilidades de contribuição do autor a partir de Malsch, Gendron e Grazzini (2011), Lupu e Empson (2015), Andon, Free e O'Dwyer (2015) e Stringfellow, McMeeking e Maclean (2015).

No encontro seguinte, tivemos a participação do professor Samir Sayed (egresso do PPGCC/FEA/USP) as relações entre *Labour Process Theory* e ideologia, com a discussão sendo feita a partir de Bryer (2006), Sayed (2020), Tinker, Merino e Neimark (1982) e Chiapello (2007). Na oitava aula, o debate se deu em torno da metodologia da lógica da explanação crítica, de Laclau e Mouffe, tendo o professor Arthur Nascimento, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como convidado, debatendo a partir de Nascimento (2011) e Tregida, Milne e Kearins (2018). A nona aula contou com a presença do professor Thiago Oliveira, da Unigranrio, que debateu a geografia crítica a partir de Milton Santos e dos textos de Oliveira e Reis (2020) e Santos (2003).

Nos debates sobre epistemologias de gênero e sexualidade, tendo como convidado o professor João Paulo de Lima Resende, da University of Glasgow, partimos de Anzaldúa (2009), Haynes (2010), hooks (1995), Lehman (2019), McGuigan e Ghio (2018), Pullen (2018), Rumens (2016) e Silva (2020). Por sua vez, os debates sobre epistemologias de raça contaram com a participação das professoras Sandra Maria Silva e Camila Nganga, com o debate a partir de Annisete (2009), Annisete e Prasad (2017), Carneiro (1995), Gonzales (1994), Munanga (2003), Davie (2005), Fleishman e Tyson (2002), Hammond e Streeter (1994), Schucman (2010) e Upton e Arrington (2012).

Na aula sobre pedagogias críticas e educação popular, voltada para o pensamento de Paulo Freire, a professora Camila Coimbra, da Universidade Federal de Uberlândia, debate conosco a partir de Freire (1996), Fals-Borda (2009), Mota-Neto (2018) e Freire (2002). Por fim, encerramos com a perspectiva de *Counter Accounting* e Contabilidade Emancipatória, tendo o professor Thauan Carvalho como convidado, discutindo a partir de Carvalho, Sauerbronn e Haslam (2021) e Gallhofer e Haslam (2006).

Não podemos deixar de lembrar temas e professores que estiveram conosco nas edições de 2021 e 2022. Assim, em 2021 tivemos participações como Sérgio Wanderley, professor da Unigranrio, em aula que abordou o Perspectivismo Ameríndio; Fernando Hoffman, professor da Universidade Federal de Santa Maria, que nos acompanhou em uma aula sobre multidão a partir do pensamento de Antonio Negri; Jim Haslam, professor da Durham University Business School, que compôs a primeira aula sobre counter accounting e contabilidade emancipatória. Silvia Casa Nova, professora da Universidade de São Paulo, participou da aula sobre Epistemologias de Gênero e Sexualidade nos anos de 2021 e 2022. Cabe destacar que em 2021 e 2022 a professora Rosemary Lourenço, da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, apresentou a perspectiva de Pierre Bourdieu, sendo que em 2023 teve um impedimento poucos dias antes de sua aula.

5. OPORTUNIDADES E DESAFIOS AO FUTURO DA PESQUISA CRÍTICA

A abordagem crítica em contabilidade, que busca uma compreensão aprofundada dos processos de alienação para intervenção da práxis social, destaca-se como uma alternativa às abordagens tradicionais. Dentre a gama de tópicos pesquisados na vertente crítica da Contabilidade encontram-se “críticas ao capitalismo, preocupação de que a prática contábil ortodoxa contribui para a crise ambiental, cepticismo sobre o poder e o papel da profissão contábil, justiça social, o impacto ideológico dos instrumentos contábeis” (Carter & Toms, 2010, p. 171); temáticas relacionadas à diversidade e políticas identitárias em termos de gênero, raça, sexualidade e demais marcadores sociais que constituem diferentes sistemas de opressão (Lehman, 1992; 2019a; Annisette, 2003; Rumens, 2016; Healy, Tatli, Ipek, Öztürk, Seierstad & Writh, 2017; Haynes, 2017); neoliberalismo (Chiapello, 2017); processos relacionados à marginalização e exclusão (Agyemang & Lehman, 2013; Lehman, Hammond & Agyemang, 2018; Gendron, 2018), desafio ao pensamento eurocentrado (Sauerbronn et al., 2021).

Metodologicamente, é quase senso comum relacionar os métodos quantitativos à tradição de pesquisa positivista e os métodos qualitativos às tradições de pesquisa interpretativa e crítica, contudo, tal naturalização é perigosa pois desconsidera relação entre elementos filosóficos e metodológicos (Laughlin, 1995; e Everett, Rahaman & Maharaj, 2015). Dessa maneira, a tradição crítica de pesquisa também comporta o uso de métodos quantitativos para sua realização, desde que o uso esteja em coerência com o problema de pesquisa e os pressupostos filosóficos (Morrow & Brown, 1994). Historicamente, a publicação de pesquisas críticas com métodos quantitativos ainda é baixa. Richardson (2015) ao analisar os artigos publicados no periódico *Critical Perspectives on Accounting* no período de 2004 a 2013 constatou que 55,6% dos artigos publicados eram realizados com métodos qualitativos, 13,8% eram comentários, 24,2% eram trabalhos não empíricos e apenas 6,5% dos artigos publicados utilizam métodos quantitativos.

Ademais, Richardson (2015) afirma que as grandes bases de dados são usualmente utilizadas para estabelecer relações entre variáveis, contudo, sempre permanece um espaço não explicado na variância dos dados e nesse espaço não explicado estaria uma das grandes contribuições da pesquisa crítica. O autor ainda sugere que métodos quantitativos sejam utilizados para descrever e categorizar problemas críticos. Por fim, Richardson (2015) ainda aponta para o potencial dos trabalhos que adotam métodos mistos, uma vez que se observa “[...] o compromisso do projeto de contabilidade crítica com métodos qualitativos, pode ser mais fácil e mais produtivo introduzir métodos quantitativos como parte de uma estratégia de pesquisa de métodos mistos” (p. 75). Dessa forma, podemos observar que existem diferentes oportunidades e desafios tanto no âmbito teórico, quanto metodológico da pesquisa crítica em contabilidade crítica e emancipatória (Cintra, Haslam & Sauerbronn, 2022).

No contexto desafiador do ambiente acadêmico brasileiro, a consolidação da contabilidade crítica enfrenta barreiras significativas. A predominância das perspectivas teóricas *mainstream*, a baixa reflexividade do campo e a limitada diversidade curricular (Mendes, Fonseca, Sauerbronn, 2020) têm dificultado o reconhecimento e a delimitação da necessária pluralidade paradigmática na pesquisa contábil. Apesar dos esforços de agentes engajados em transformar esse quadro, incluindo pesquisadores, grupos de pesquisa como o Observatório de Gestão e *Accountability* (OGA), da UFRJ, e o Núcleo FEA de Pesquisa e Extensão em Gênero, Raça e Sexualidade (GENERAS), da USP, organizações como o Coletivo Contábil de Inclusão e Diversidade (COLID), e eventos científicos como o QRCA e o EnANPAD, a provocação para estabelecer uma práxis de pesquisa crítica em contabilidade revela-se como um desafio complexo.

Embora percebamos e saudemos uma crescente presença de publicações com abordagens críticas nos periódicos brasileiros, essa produção ainda nos parece estar demasiadamente concentrada em professoras, egressos e egressas do PPGCC-UFRJ e do PPGCC/FEA/USP. Nesse sentido, a decisão de manter a oferta da disciplina de Pesquisa Crítica em Contabilidade em formato remoto visa também ampliar nossa capacidade de acolher pesquisadores oriundos de outras instituições de ensino do Brasil e da América Latina, contribuindo para uma maior disseminação dessas abordagens.

Parte do desafio da constituição da pesquisa crítica em contabilidade inclui o processo de decolonialidade corpos e mentes submetidos a processos de subjetivação promovidos pela contabilidade positiva/positivista e pró-mercado (ver Sauerbronn, Lima e Faria, 2023). Entretanto, o desafio está também em escapar aos riscos de recolonização com submissão passiva autores internacionais e epistemologias críticas eurocentradas. De certo que esse desafio decolonialidade-recolonialidade implica também em reconhecer as epistemologias críticas como meio para desconstruir o “dado como certo”, mas sem tomá-las como superiores e únicas formas para se explicar os fenômenos locais ou de se buscar uma teorização a partir do sul.

Por fim, para além de uma maior inserção nos espaços acadêmicos, entendemos ser importante para a consolidação de uma comunidade de pesquisa crítica em contabilidade no Brasil que consigamos ampliar nossa capacidade de contribuir para a promoção de transformações sociais. Nesse sentido, a exemplo de alguns de nossos colegas do *mainstream* que há décadas atuam como porta-vozes da especulação financeira, ou da epistemologia positivista, uma meta que nos parece factível de ser perseguida é intervir no debate público (para além do mercado) de maneira significativa. Em última instância, enfrentar o desafio de consolidar a contabilidade crítica no ambiente acadêmico brasileiro requer não apenas uma revisão histórica do campo, ou das ações até aqui tomadas, mas também um compromisso contínuo com a transformação, a diversidade e o engajamento nas questões sociais que atravessam a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- Adler, P. S., Forbes, L. C., & Willmott, H. (2007). Critical management studies. *The Academy of Management Annals*, 1(1), 119–179. <https://doi.org/10.1080/078559808>.
- Agyemang, G., & Lehman, C. R. (2013). Adding critical accounting voices to migration studies. *Critical Perspectives on Accounting*, 24(4-5), 261-272.
- Annisette, M. (2003). The colour of accountancy: examining the salience of race in a professionalisation project. *Accounting, Organizations and Society*, 28(7-8), 639-674.
- Annisette, M. (2009). Race and ethnicity. In *The Routledge Companion to Accounting History* (pp. 451–469). <https://doi.org/10.4324/9781315143446-8>
- Annisette, M., & Prasad, A. (2017). Critical accounting research in hyper-racial times. *Critical Perspectives on Accounting*, 43, 5–19. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2016.06.002>
- Anzaldúa, G. (2000). Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, 8(1), 229. <https://doi.org/10.1590/%25x>
- Araujo, Cícero; Bresser-Pereira, Luiz Carlos. (2018). Para além do capitalismo neoliberal: as alternativas políticas. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 61(3): 551-580. doi: <https://doi.org/10.1590/001152582018167>
- Armstrong, P. (1994). The Influence of Michel Foucault on Accounting Research. *Critical Perspectives on Accounting*, 5(1): 25–55.
- Azevedo, R. R.; Lino, A. F.; Sauerbronn, F. F.; Pagliarussi, M. S.; Espejo, M. B.; Silva, S. C.; Casa Nova, S. P. C.; Klein Junior, V. H. (in press). Um debate polifônico - quais são as oportunidades e desafios para pesquisas qualitativas em contabilidade? *Revista Prospectus*.
- Azevedo, S. U., Barbosa, J. S., Consoni, S., & Espejo, M. M. S. B. (2020). Ontological posture of research in management accounting. *Brazilian Journal of Business*, 2(3), 2927-2947. <https://doi.org/10.34140/bjbv2n3-071>

- Bilhim, J. A. de F., & Gonçalves, A. de O. (2022). Abordagens Epistemológicas e Pluralismo na Pesquisa em Contabilidade: para além do paradigma dominante. *Public Sciences & Policies*, 7(1), 59–75. <https://doi.org/10.33167/2184-0644.CPP2021.VVIIIN1/pp.59-75>
- Biondi, Y.; Suzuki, T. (2007). Socio-economic impacts of international accounting standards: an introduction. *Socio-Economic Review*, 5(4): 585–602. <https://doi.org/10.1093/ser/mwm011>
- Bryer, R. A. (2006). Accounting and control of the labour process. *Critical Perspectives on Accounting*, v. 17(5): 551–598. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2003.06.010>
- Bujaki, M. L., Gaudet, S., & Iuliano, R. M. (2017). Governmentality and identity construction through 50 years of personal income tax returns: The case of an immigrant couple in Canada. *Critical Perspectives on Accounting*, 46, 54–74. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2017.02.005>
- Burawoy, M. (2005). For Public Sociology. *American Sociological Review*, 70: 4–28. <https://doi.org/10.1177/000312240507000102>
- Carneiro, S. (1995). Gênero Raça e Ascensão Social. *Revista Estudos Feministas*, 03(02), 544–552. <https://doi.org/10.1590/%25x>
- Carter, C., & Toms, S. (2010). The contours of critical accounting. *Critical Perspectives on Accounting*, 3(21), 171–182.
- Carvalho, T. F. M.; Sauerbronn, F.; Haslam, J. (2021). Counter Accounting , Brazil and the Rio Olympics. *IPA Congress*, p. 1–37.
- Chiapello, E. (2007). Accounting and the birth of the notion of capitalism. *Critical Perspectives on Accounting*, 18(3): 263–296. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2005.11.012>
- Chiapello, E. (2016). How IFRS Contribute to the Financialization of Capitalism. In: BENSANDON, D.; PRAQUIN, N. (Eds.). *IFRS in a Global World: International and Critical Perspectives on Accounting*. New York: Springer, p. 71–84.
- Chiapello, E. (2017). Critical accounting research and neoliberalism. *Critical Perspectives on Accounting*, 43, 47–64.
- Cintra, Y. C., Haslam, J., & Sauerbronn, F. F. (2022). Developing Appreciation of Emancipatory Accounting through Empirical Research: Issues of Method. *Revista de Administração Contemporânea*, 26(1), e210009. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2022210009.en>
- Costa, S. A. (2015). Gestão Estratégica de Custos: panorama do ensino e pesquisa sob a ótica da teoria do ator-rede. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis). FEA, USP, São Paulo. Capítulo 2.
- Davie, S. S. K. (2005). The politics of accounting, race, and ethnicity: A story of a Chiefly-based preferencing. *Critical Perspectives on Accounting*, 16(5), 551–577. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2003.05.001>
- Denzin, N. (2017). Investigação Qualitativa Crítica. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 13(1), 105–119. doi:https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v13i1.14178
- Denzin, N. K., & Giardina, M. D. (2006). *Qualitative inquiry and the conservative challenge*. Walnut Creek: Coast Press.
- Everett, J., Neu, D., Rahaman, A. S., & Maharaj, G. (2015). Praxis, Doxa and research methods: Reconsidering critical accounting [Editorial]. *Critical Perspective on Accounting*, 32, 37–44.
- Fals-Borda, O. (2009). Cómo Investigar la Realidad para Transformarla. In: Fals Borda, O. *Una Sociología Sentipensante para América Latina*. Buenos Aires: CLACSO. <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20160308051848/09como.pdf>
- Fals-Borda, O., & Rahman, M. A. (1991). *Action and Knowledge: Breaking the monopoly with participatory action-research*. New York: Intermediate Technology Publications London. (PART I)
- Faria, A. (2007). Gestão: Relevância ou Rigor? *GV executivo*, 6(3): 39–43. <https://doi.org/10.12660/gvexec.v6n3.2007.34591>
- Faria, A. (2013). Border thinking in action: should critical management studies get anything done?. In: Malin, V.; Murphy, J.; Siltaoja, M. (Eds). *Dialogues in Critical Management Studies: Getting things done*. Bingley: Emerald Group.
- Fleischman, R. K., & Tyson, T. N. (2002). The interface of race and accounting: A reply to burrows. *Accounting History*, 7(1), 115–123. <https://doi.org/10.1177/103237320200700107>
- Gallhofer, S.; Haslam, J. (2019). Some reflections on the construct of emancipatory accounting: Shifting meaning and the possibilities of a new pragmatism. *Critical Perspectives on Accounting*, p. 101975. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2017.01.004>
- Gendron, Y. (2018). On the elusive nature of critical (accounting) research. *Critical Perspectives on Accounting*, 50, 1–12. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2017.11.001>
- Gendron, Y.; Baker, C. R. (2005). On interdisciplinary movements: The development of a network of support around Foucaultian perspectives in accounting research. *European Accounting Review*, 14(3): 525–569.
- Ghoshal, S. Bad management theories are destroying good management practices. *Academy of Management Learning & Education*, 4(1), 75–91, 2005. <https://doi.org/10.5465/amle.2005.16132558>
- Gonzales, L. (1994). Lélia Fala de Lélia. *Estudos Feministas*, 2(2), 383–386. <https://doi.org/10.1590/%25x>
- Guerreiro Ramos, A. (1981). A crítica da razão moderna e sua influência sobre a teoria da organização. In: GUERREIRO RAMOS, Alberto. *A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Hammond, T., & Streeter, D. W. (1994). Overcoming barriers: Early African-American certified public accountants. *Accounting, Organizations and Society*, 19(3), 271–288. [https://doi.org/10.1016/0361-3682\(94\)90035-3](https://doi.org/10.1016/0361-3682(94)90035-3)
- Haynes, K. (2010). Other lives in accounting: Critical reflections on oral history methodology in action. *Critical Perspectives on Accounting*, 21(3), 221–231. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2009.11.002>
- Haynes, K. (2017). Accounting as gendering and gendered: A review of 25 years of critical accounting research on gender. *Critical Perspectives on Accounting*, 43, 110–124.

- Healy, G., Tatli, A., Ipek, G., Öztürk, M., Seierstad, C., & Wright, T. (2019). In the steps of Joan Acker: A journey in researching inequality regimes and intersectional inequalities. *Gender, Work & Organization*, 26(12), 1749–1762. <https://doi.org/10.1111/gwao.12252>
- Homero Jr, P. F. (2017b). O Complexo de Vira-Lata no Discurso Acadêmico Brasileiro sobre as IFRS. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 12(2).
- Homero Jr, P. F. A. (2017a). Constituição do Campo Científico e a Baixa Diversidade da Pesquisa Contábil Brasileira. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 11(3): 314-328. <https://doi.org/10.17524/repec.v11i3.1565>
- Hooks, b. (1995). Intelectuais negras. *Estudos feministas*, 3(2), 464. <https://doi.org/10.1590/%25x>
- Hopper, T. & Powell, A. (1985). “Making sense of research in the organisational and social aspects of management accounting: a review of its underlying assumptions”, *Journal of Management Studies*, Vol. 22 No. 3, pp. 429-65.
- Hoskin, K. (1994). Boxing Clever: For, against and beyond Foucault in the Battle for Accounting Theory. *Critical Perspectives on Accounting*, 5(1): 57–85.
- Jammalamadaka, N.; Faria, A.; Jack, G.; Ruggunan, S. (2021). Decolonising Management and Organisational Knowledge (MOK): Praxistical Theorising for Potential Futures. *Organization*, 28(5). <https://doi.org/10.1177/13505084211020463>
- Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: Edufba; Bauru, São Paulo: Edusc. Introdução e Conclusão.
- Laughlin, R. (1995). Empirical research in accounting: alternative approaches and a case for “middle-range” thinking. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 8, 63-87. <https://doi.org/10.1108/09513579510146707>
- Lehman, C. R. (1992). “Herstory” in accounting: The first eighty years. *Accounting, Organizations and Society*, 17(3-4), 261-285. [https://doi.org/10.1016/0361-3682\(92\)90024-M](https://doi.org/10.1016/0361-3682(92)90024-M)
- Lehman, C. R. (2019). Reflecting on now more than ever: Feminism in accounting. *Critical Perspectives on Accounting*, 65, 102080. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2019.04.001>
- Lehman, C. R., Hammond, T., & Agyemang, G. (2018). Accounting for crime in the US: Race, class and the spectacle of fear. *Critical Perspectives on Accounting*, 56, 63-75.
- Lehman, C., & Tinker, T. (1987). The ‘real’ cultural significance of accounts. *Accounting, Organizations and Society*, 12(5), 503- 522. [https://doi.org/10.1016/0361-3682\(87\)90033-X](https://doi.org/10.1016/0361-3682(87)90033-X)
- Lima, J. P. et al. (2023). “É só uma gripezinha”? Produzindo um contra-relato midiático das Crises Discursivas sobre a COVID-19 no Brasil. *Accounting Forum*, 1–27.
- Lima, J. P.; Casa Nova, S. P. C.; Vendramin, E. O. (2023). Sexist academic socialization and feminist resistance: (de)constructing women’s (dis)placement in Brazilian accounting academia. *Critical Perspectives on Accounting*, p. 102600.
- Lodh, A. C., & Gaffikin, M. J. R. (1997). Critical Studies in Accounting Research, Rationality and Habermas: A Methodological Reflection. *Critical Perspectives on Accounting*, 8: 433–474. <https://doi.org/10.1006/cpac.1996.0108>
- Lourenço, R. L.; Sauerbronn, F. F. (2016). Revistando possibilidades epistemológicas em contabilidade gerencial: em busca de contribuições de abordagens interpretativas e críticas no Brasil. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 13(28), 101-124. <https://doi.org/10.5007/2175-8069.2016v13n28p99>
- Lupu, I.; Empson, L. (2015). Illusio and overwork: playing the game in the accounting field. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 28(8): 1310–1340. <https://doi.org/10.1108/AAAJ-02-2015-1984>
- Malsch, B.; Gendron, Y.; Grazzini, F. (2011). Investigating interdisciplinary translations: The influence of Pierre Bourdieu on accounting literature. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 24(2): 194–228.
- McGuigan, N., & Ghio, A. (2018). Queering accounting: opening up and connecting professional services firms. *Sustainability Accounting, Management and Policy Journal*, 9(5): 625-635. <https://doi.org/10.1108/SAMPJ-08-2018-0210>
- Mendes, D.; Fonseca, A. C. P. D.; Sauerbronn, F. F. (2020). Modos de ideologia e de colonialidade em materiais didáticos de Contabilidade. *Education Policy Analysis Archives*, 28: 99.
- Morales, J.; Sponem, S. (2017). You too can have a critical perspective! 25 years of Critical Perspectives on Accounting. *Critical Perspectives on Accounting*, 43(1): 149–166.
- Morrow, R. A., & Brown, D. D. (1994). *Critical theory and methodology* (Vol. 3). Sage.
- Mota-Neto, J. (2018). Paulo Freire e Orlando Fals Borda na genealogia da pedagogia decolonial latino-americana. *Folios*, 48, 3-13.
- Munanga, K. (2003). Palestra proferida no 3o Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03. *Biologia*, 3.
- Nascimento, A. R. Do. Teoria Pós-Estruturalista do Discurso. In: Controle gerencial como prática social e organizacional: Análise Crítica a partir dos paradigmas neofuncionalista, interpretativista e pós-estruturalista (Tese). São Paulo. p. 73–96.
- Neimark, M. (1990). The king is dead. Long live the king! *Critical Perspectives on Accounting*, 1(1):103–114.
- Oliveira, T.; Reis, C.; Wanderley, S. *Sujeitos e organizações no âmbito urbano periférico e semiperiférico global: pistas a partir do pensamento miltoniano e da ótica decolonial*. In: XI Congresso Nacional de Administração e Contabilidade - AdCont., 2020, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.
- Parker, M.; Thomas, R. (2011). What is a critical journal? *Organization*, 18(4): 419–427.
- Parker, M.; Thomas, R. (2011). What is a critical journal? *Organization*, 18(4): 419–427. <https://doi.org/10.1177/1350508411403535>

- Paula, A. P. P. (2002). Tragtenberg revisitado: as inexoráveis harmonias administrativas e a burocracia flexível. *Revista de Administração Pública*, 36(1): 127-144.
- Prasad, P. (2005). *Crafting Qualitative Research: working in the postpositivist traditions*. Armonk, New York: M.E. Sharpe.
- Pullen, A. (2018). Writing as labiaplasty. *Organization*, 25(1), 123-130. <https://doi.org/10.1177/1350508417735537>
- Richardson, A. J. (2015). Quantitative research and the critical accounting project. *Critical Perspectives on Accounting*, 32, 67-77.
- Rose, N., O'Malley, P., & Valverde, M. (2006). Governmentality. *Annu. Rev. Law Soc. Sci.*, 2, 83-104
- Roslender, R.; Dillard, J. F. (2003). Reflections on the Interdisciplinary Perspectives on Accounting Project. *Critical Perspectives on Accounting*, 14(3): 325-351.
- Rumens, N. (2016). Sexualities and accounting: A queer theory perspective. *Critical Perspectives on Accounting*, 35, 111-120.
- Santos, M. *Economia espacial: críticas e alternativas*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- Santos, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/sociologia/outra_globalizacao.pdf
- Sauerbronn, F. F. et al. (2021). Decolonial studies in accounting? Emerging contributions from Latin America. *Critical Perspectives on Accounting*, p. 102281.
- Sauerbronn, F. F., Lima, J. P. R., Faria, A. (2023). Decolonizing-Recolonizing Curriculum in Management and Accounting. *Revista de Administração Contemporânea*, 27(6). <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2023230050.en>
- Sauerbronn, F., Ayres, R., da Silva, C., & Lourenço, R. (2021). Decolonial studies in accounting? Emerging contributions from Latin America. *Critical Perspectives on Accounting*, 102281. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2020.102281>
- Sayed, S. (2020). Financial Reporting como Instrumento Ideológico para Fins Hegemônicos Evidências do Banco do Brasil (1853-1902). *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 13(2), 154-175. <https://doi.org/10.14392/ASAA.2020130208>
- Schucman, L. V. (2010). Racismo e Antirracismo: A categoria raça em questão. *Psicologia Política*, 10(19), 41-55.
- Silva, A. R., Rodrigues, L. L., & Sangster, A. (2019). Accounting as a tool of State governance: The tutelage system of 'Free Africans' in Brazil between 1818 and 1864. *Accounting History*, 24(3), 383-401.
- Silva, A. R., Vasconcelos, A., & Lira, T. A. (2021). Inscrições contábeis para o exercício do poder organizacional: O caso do fundo de emancipação de escravos no Brasil. *Revista de Administração de Empresas*, 61.
- Silva, S. (2020). Nenhum Saber a Menos!. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 14(4), 120-124. doi:https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v14i4.31348
- Silva, S. M. C. da, & Nova, S. P. de C. C. (2018). Pesquisa qualitativa ou qualidade em pesquisa? Um exemplo de contribuição sócio-humanista em pesquisa contábil. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 13(1), 120-141. https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v13i1.15860
- Tinker, A. M.; Merino, B. D.; Neimark, M. D. (1982). The normative origins of positive theories: Ideology and accounting thought. *Accounting, Organizations and Society*, 7(2): 167-200.
- Tragtenberg, M. (1971). A teoria geral da administração é uma ideologia? *Revista de Administração de Empresas*, 11(4): 7-21, out./dez.
- Tregidga, H.; Milne, M. J.; Kearins, K. (2018). Ramping Up Resistance: Corporate Sustainable Development and *Academic Research*. *Business & Society*, 57(2): 292-334.
- Upton, D. R., & Arrington, C. E. (2012). Implicit racial prejudice against African-Americans in balanced scorecard performance evaluations. *Critical Perspectives on Accounting*, 23(4-5), 281-297. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2012.01.002>